

LES FILMS DU POISSON PRÉSENTE



SÉLECTION OFFICIELLE  
FESTIVAL DE CANNES



# TOURNÉE

un film de  
MATHIEU AMALRIC

MIMI LE MEAUX DIRTY MARTINI ROKY ROULETTE KITTEN ON THE KEYS EVIE LOVELLE JULIE ATLAS MUZ MATHIEU AMALRIC

Le Pacte



*“É uma orgia de carne e espírito, uma alegria para os olhos e para o coração, um gesto louco, poético, divertido, alegre, desesperado, insolente, miraculoso.”*

*Le Monde*





## - SINOPSE -

Joachim, um antigo produtor de televisão deixou tudo para trás – os seus filhos, amigos e inimigos, amores e arrependimentos – para começar uma vida nova na América. Anos depois regressa com uma companhia de artistas de *New Burlesque* a quem Joachim alimentou fantasias de uma digressão em França. Em Paris!

Viajando de porto em porto, as voluptuosas raparigas vão criando um extravagante mundo de fantasia, caloroso e hedonista, apesar do constante rodopio por hotéis impessoais e da escassez de dinheiro.

Mas o sonho de terminar a digressão em grande com um último grande espectáculo em Paris esfuma-se quando Joachim é enganado por um antigo amigo e perde o teatro onde iriam actuar. Uma rápida viagem de regresso à capital abre violentamente velhas feridas.





## - ENTREVISTA A MATHIEU AMALRIC -



### De onde surgiu a inspiração para TOURNÉE – EM DIGRESSÃO?

Para dizer a verdade, de Laetitia Gonzalez e Yaël Fogiel, os produtores, que quando a montagem de “La Chose Publique” ainda nem estava terminada (ainda em 2002!) me disseram: “E agora, qual é o próximo?”

Assim, totalmente esgotado mas muito sensibilizado pelo interesse deles, parti durante vários dias com Marcelo Novais-Teles, um amigo com quem gosto de trocar ideias. E foi um texto de Colette, “The Other Side of Music-Hall”, que transportei comigo durante muito tempo, que acabou por vir à superfície. Consiste em notas feitas durante uma digressão, escritas para um jornal que as publicou em fascículos, esboços sublimes da sua vida enquanto actriz, uma pantomima um tanto ou quanto escandalosa (Colette tinha então entre 33 e 39 anos), perdida na província: “Corremos para o hotel, para o camarim sufocante, e para as ofuscantes luzes da ribalta. Corremos, impacientes, tagarelando, cacarejando como galinhas, em direcção à ilusão de viver rápido, de sermos calorosas, trabalhar, pensar muito pouco, de carregar dentro de nós nem lamentos, nem remorsos, nem lembranças...”

Procurámos equivalentes contemporâneos; no *striptease*, na vida nocturna, em qualquer lado. Mas nada surgiu, não conseguíamos encontrar este fascínio pelo movimento, o gosto de Colette pela provocação a rebarbear de energia, como uma declaração de independência através do corpo. Só nos chegaram histórias de necessidade, de prisioneiros.





### **Foi aí que pensou nas raparigas do *New Burlesque*?**

Na verdade foi graças a um artigo do Libération que fazia uma avaliação contagiante da sua apresentação numa noite no *Zèbre*, um cabaret parisiense. Em duas páginas havia fotografias de Dirty Martini, a mais felliniana, e Kitten on the Keys, a que toca piano. E de repente, tivemos a sensação de que Colette estava ali, nesta lúdica e tórrida sensualidade, nesta afirmação íntima e política da beleza potencial de cada corpo, independentemente da idade e do quão não-conformista podem ser. O perigoso prazer de actuar, a timidez, a bravura física, a tentadora fragilidade.

Isso foi o início. Mas nessa etapa, baseada apenas em pedaços de papel e algumas fotos, permitiu que a imaginação brotasse. Ou seja, não as queria conhecer pessoalmente naquele momento. Eu queria ter a história em primeiro lugar. E foi nessa altura que Humbert Balsan, o produtor francês independente, se suicidou. Isto abalou-me devido à percepção da possibilidade do fim das nossas vidas mortais. O que se faz quando uma força de resistência como ele desaparece?

### **Esses são, aparentemente, dois acontecimentos sem relação.**

Claro, mas muitas vezes é a colisão de dois elementos que origina a história. Ténue ao início, mas que te deixa obcecado e quase se alimenta de si própria, e depois de tudo. Eu e Marcelo sempre explorámos outro caminho: o meu fascínio por produtores, a sua loucura e a sua bravura. Onde é que eles encontram a força para continuar?

E então encontrámos a ligação. A história de um homem que luta contra a sua melancolia. Um antigo produtor de TV que encena um regresso momentâneo graças a estas raparigas que ele quer vaidosamente apresentar no seu país, como uma prova orgulhosa da sua ressurreição, do seu regresso. Que quer permanecer, à sua desagradável maneira, um príncipe, custe o que custar. Mas sem um reino, e acima de tudo sem poder – sem ser, claro, o inútil poder da sua liberdade. Um homem sem um lar, que já não sabe se resistir significa saber quando deixar o palco (o que ele fez) ou saber quando se manter na ribalta (o que os seus amigos fizeram).

### **E quando viu o espectáculo pela primeira vez?**

Em Nantes, no Banana Hangar, graças a Kitty Hartl, programadora de dança no Teatro Lieu Unique que, de certa forma, é o modelo para Joachim. Conheci as raparigas com Philippe Di Folco, que se juntou para terminar de co-escrever o guião; ele é um escritor e um curioso por tudo, apaixonadamente erudito. Três dias e noites intensas para transpor, com sorrisos na cara, as nossas intuições para a realidade. Depois disso, assisti a alguns festivais com 150 espectáculos em três dias, em São Francisco, Nova Iorque, Nápoles, entre outras. E criei a minha própria trupe, passo a passo durante pelo menos 2 anos.

### **O *New Burlesque* ganhou uma maior aceitação dos especialistas nos *media* através de Dita Von Teese.**

As actrizes no *TOURNÉE – EM DIGRESSÃO* são as responsáveis pelo reavivar do *New Burlesque*. No início, era um movimento lésbico, que começou em 1995 com um grupo chamado *The Velvet Hammer*. Estas raparigas têm política nos seus corpos, uma resistência aos físicos formatados que não necessitam de palavras. Hoje em dia, *New Burlesque* tem sido um pouco apropriado pelo cânone de Las Vegas, com os seus corpos mais conformistas.

**“Mange ta soupe” foi um filme sobre a sua família. “O Estádio de Wimbledon” mostrou a mulher que amava. Pela primeira vez, dirige-se a si mesmo em Tournée. É um passo em direcção ao auto-retrato?**

Não sei, não pensei muito sobre isso. Eu não queria aparecer em Tournée. Toda a gente, excepto eu, parecia saber que ia acabar por fazê-lo. Tornou-se uma piada que não me dava vontade de rir porque eu





estava genuinamente à procura de alguém. E então sim, três semanas antes da rotação, apesar das minhas dúvidas, e protestando no início, acabei por ser eu.

### **O facto de estar a representar no filme ajudou-o a abordar a realização de forma diferente?**

Sim, foi bastante prático, tenho de admitir, e criou uma cumplicidade divertida. Pude orientar o movimento, gerar surpresas, recebê-las. Dentro do enquadramento, apercebemo-nos do momento em que o drama deve vir à tona. Durante a cena no comboio, por exemplo, no início do filme, eu disse: "OK, tu gostas de Ophüls, e como em "O Prazer", gostarias de ver todas estas mulheres adormecidas e lascivas no compartimento. Mas isso não faz uma cena!" Por isso peguei no telefone e comecei a gritar. Um actor sente se há algo que devemos fazer, se há uma cena que tem de ser representada. E imediatamente, as raparigas e o esplêndido Roky entraram no jogo.

Entretanto Cristophe Beaucarne, o director de fotografia, e eu estávamos preocupados apenas com uma coisa: esforçarmo-nos para que o espectador acompanhasse as personagens e não se preocupasse com quem estava a fazer o filme. Foi quase uma obsessão que se traduziu em algumas questões específicas sobre realização: a distância certa, descrição, o conforto, fluidez de movimento, e também o som captado directamente.



### **A questão do documentário e do drama surgem repetidamente em TOURNÉE – EM DIGRESSÃO.**

Sempre. A questão surgiu na fase de escrita, depois durante a pré-produção – que, por acaso, acho cada vez mais difícil de dissociar da realização. Decidir onde se gasta o dinheiro já faz parte do processo de realização; é aí que o filme fica realmente definido, de facto.

Depois tivemos a intuição de que para preservar a energia espontânea que é vital para os espectáculos, tínhamos de montar uma verdadeira digressão. Pensámos que a câmara não seria suficiente para as raparigas. Elas precisavam de salas esgotadas. E teríamos de dormir nos hotéis onde filmaríamos.





De Le Havre até Rochefort, passando por Nantes, colocámos de pé um espectáculo gratuito a todos aqueles que assinaram uma autorização. Nunca poderíamos pagar a tantos figurantes! Só tivemos duas horas e meia para filmar cada cena, mesmo aquelas com diálogos, mas isso criou uma necessidade urgente, uma precisão que paradoxalmente reforçou o drama. Porque os números tiveram sempre público, foram vividos por uma das personagens e a realização foi construída sobre isso. Claro que aconteceram alguns momentos extraordinários, tantos que a primeira montagem tinha três horas e 15 minutos. O que se seguiu, com a montadora Annete Dutertre, foi uma luta entre drama e documentário. E sem surpresas – apesar de em alguns momentos com remorsos terríveis – o drama e as personagens tornaram-se a força central.

**O filme mostra lugares que apenas conhecemos de passagem, como as cadeias de hotel. Porque quis filmar nestes locais “neutros” na província?**

Colette falou muito destes lugares onde não se vê nada. Isso é o que se sente em digressão: Estás em algum lado, sem realmente estares lá. E descobri que havia um mal-entendido divertido: Joachim está a fantasiar sobre a América, enquanto as raparigas fantasiam sobre França e Paris. Mas não vêem quase nada disso, ou então apenas esse lado.

**Há uma cena inquietante, num posto de abastecimento na auto-estrada, entre Joachim e a mulher na caixa.**

Isso ecoa a canção “Les Passantes”, de Georges Brassens: apenas uma troca de olhares, ver quem podia ter amado... Eu gosto do conceito de digressões e circos que andam de cidade em cidade, e do encontro entre habitantes e aqueles que apenas estão de passagem. Segredos guardados, secretíssimos flutuam em redor de cabinas e auto-estradas. E depois há a incrível actriz, Aurélia Petit.

E todos aqueles uniformes também: empregadas de caixa, hospedeiras de bordo, os staff do hotel, as obrigações sociais, a obediência obrigatória...





**Por mais estranhos e vazios que pareçam, os hotéis em TOURNÉE – EM DIGRESSÃO tornam-se locais de alegria e abandono. O filme é realmente uma comédia!**

Comédia, isso depende do momento. Joachim é tão tenso. Mas claro, as raparigas do *New Burlesque* têm o dom de transformar cada sítio numa festa. Elas nunca ficam a queixar-se. Adoro actores histriónicos, pessoas que gostam de pôr uma mesa cheia de pessoas a rir, que vão longe demais, mas que ainda assim precisamos de ter por perto. Tenho sempre medo de que eles se afundem no desespero. Com as raparigas na companhia é a mesma coisa. Não precisavam de revelar o seu passado; as suas caras e corpos contavam a sua própria história. E, ainda assim, elas conseguem transformar uma aborrecida cadeia de hotel num local de desejo.

**Joachim sente que está “rodeado de bruxas”. Mas quem é ele realmente?**

Aha! Regressamos ao impenetrável mistério da figura do produtor que, como o produtor Jean-Pierre Rassam costumava dizer, tem a responsabilidade de assumir a irresponsabilidade, a qualquer custo. E um produtor também é um actor caso queira sobreviver, encantar, assustar, sonhar. De repente lembro-me do Matamore de Corneille: “Quando quero aterrorizar, e quando quero encantar”. O cigarro, o brilho, os trajes extravagantes, são apenas chamarizes, ferramentas de negócio, armadilhas. No filme, como tributo ao veterano produtor Paulo Branco, usei um bigode. Que Mimi, depois de fazerem amor, parece vulgar ser um adereço. Naquele momento, Joachim é apenas um homem a dormir, finalmente.

**Há um manual de instruções para filmar mulheres a representar entre si?**

Eu não acredito em realizadores que supostamente sabem aquilo que vai no interior da cabeça das mulheres. Em vez disso, vamos abraçar o facto de que o cinema nos permite acordar o rapaz adolescente que há em nós e que fantasia sobre os quartos das raparigas. Recordo-me de um momento durante as filmagens, aquele no terraço quando Mimi está a contar a Dirty a sua aventura na casa de banho. Filmámos muitos takes, elas andaram por ali, a personagem de Mimi um pouco envergonhada e taciturna, mas tornando-se mais amigável enquanto falava com a amiga; aquela era a cena planeada. Tudo bem. Estávamos prestes a mudar de cena quando tenho um impulso: “Mimi, porque não contas à Dirty [Martini] o que acabou de aconteceu?”. Mimi voltou a contar, nas suas próprias palavras, e então Dirty reagiu, representando (porque, mais uma vez, enquanto *show girls*, estão sempre a “dramatizar”). E ali estou eu, atrás da câmara, com os auscultadores postos, e, graças à sua generosidade e diversão, entrei no quarto das raparigas.

O próprio facto de filmar estas mulheres torna-se um acontecimento. Elas têm tanto carisma! Admito que a acrobacia narrativa de trazer estas raparigas americanas até França me salvou de uma certa vulgaridade, isso de certeza. Tudo se tornou interessante e fresco, de repente. Partilhámos fantasias comuns, trocámos os nossos territórios.

**Quando usa a palavra território, voltamos a uma visão de um homem entre mulheres...**

Eu e o Philippe diríamos: em primeiro lugar, o poder do grupo. Joachim, de início, não olha para elas individualmente, depois seguem em frente como um só. Sorte ou destino, o que preferir, conspiram para que eles se juntem e algo acontece. O que de facto o traz de volta, alivia-o, no interior do grupo. É o conjunto das mulheres que o “adopta” no final.





## - NEW BURLESQUE -



New Burlesque é uma versão renascida e actualizada de um género cujas raízes estão firmemente alicerçadas na tradição do *music-hall* inglês e americano. Originalmente, os espectáculos *Burlesque* eram uma mistura de sátira social, números musicais e insinuação, e tornaram-se uma parte importante da cena teatral americana durante as décadas de 1920 e 1930.

Gradualmente, o género foi diminuindo para se transformar simplesmente em nudez em cima de um palco, tornando-se sinónimo de striptease.

A partir dos anos 90, o renascimento do *Burlesque*, conhecido como *Neo* ou *New Burlesque*, inspirou-se nestes dois períodos, partindo do elemento striptease e reintroduzindo teatro, coreografias, glamour, humor, sátira e uns salpicos de desordem.





## - MIMI LE MEAUX -



A californiana Mimi Le Meaux é uma das fundadoras da dupla *Dis Dress*, um projecto na origem do renascimento do *Burlesque* em meados dos anos 90. Descendente directo dos grandes números de *striptease* dos anos 50, o seu trabalho tem uma ligação muito forte com a música *garage* e *punk-rock* (ela chegou a actuar com os *The Damned*) e com a qualidade estética visível em filmes de culto ou série B. Como Ben Vaughn canta, “When she shake her moneymaker / you better call the undertaker / She's like a good bad dream / She's a real scream”.



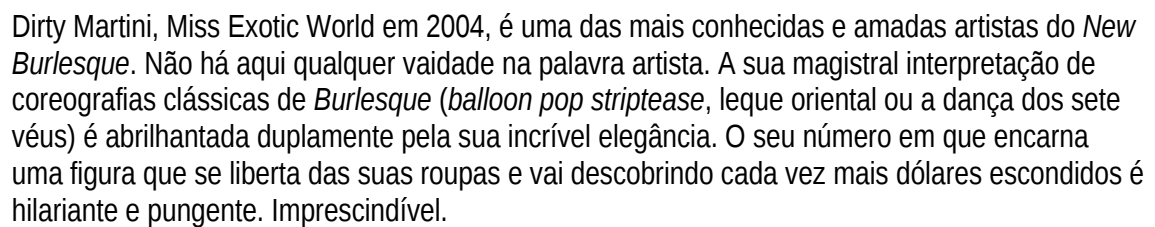


## - KITTEN ON THE KEYS -



Kitten canta. Kitten faz piadas. Kitten sorri de forma afectada. Kitten toca piano, ukulele e acordeão. Kitten agita as suas penas e depois rasga-as. Kitten põe de pé um óptimo espectáculo. Kitten dá a conhecer cada um dos seus múltiplos talentos. Kitten on the Keys lidera, vivamente, o Cabaret como mestre-de-cerimónias, abrilhantado com canções como "Hole in my Head", "Kitty Muffins" e "My Girl's Pussy" onde inúmeras insinuações estão longe de ser... insinuadas.







As atuações de Julie Atlas Muz estão na fronteira entre o *Burlesque* e a dança contemporânea, um espaço inventado que transporta as preocupações da Arte para o burlesco e os apelos e tormentos da carne para a Arte. Os seus trabalhos vão desde uma sereia num aquário gigante até ao Ballet (“I am the Moon and You Are the Man on Me”) e até aparições televisivas. Julie Atlas Muz é, ao mesmo tempo, a Miss Exotic World 2006 e artista convidada das bienais de Valença e Whitney. Infame na sua Nova Iorque natal e por vezes odiada pela imprensa, o seu trabalho é “Divertido. Perturbador. Magnífico. Medonho.” de acordo com a Village Voice.





## - EVIE LOVELLE -



Cara de anjo e corpo diabólico, Evie Lovelle parece acabada de sair de um *film noir* da década de 40 ou 50. Rita Hayworth em “Gilda”? Jane Greer em “O Arrependido”? Jean Peters em “Mãos Perigosas”? A quintessência da mulher maldosa com menos roupa e mais leques de penas. Evie ganhou o prémio Miss Most Classic no Burlesque Hall of Fame em 2008, pelo primeiro espectáculo em cima de um palco.



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

## - ROKY ROULETTE -



O *Cabaret New Burlesque* também é para raparigas. Roky Roulette é a única pessoa no mundo que faz striptease em cima de um cavalo de pau. O sempre saltitante Roky acaba completamente despido e desenfreado em frente a uma multidão enlouquecida. A sua impressionante performance física é um dos motivos mas, para muitos, a sua incrível energia e entusiasmo são completamente contagiosos.





# Le Monde

É uma velha fantasia, fugir com uma companhia de circo. Joachim Sand é mais velho do que Rémy de “A Menina Sem Lar”, está à beira dos quarenta anos. Mas ele pôs em prática esse sonho: sem casa, erra de porto em porto com uma trupe de artistas burlescas.

Joachim já está em movimento quando o encontramos no início deste filme que é tanto um retrato do artista, Mathieu Amalric, um vigarista, um documentário sobre a alegria de estar em palco, e uma sucessão de momentos de encanto cinematográfico. Será necessário que o argumento, falsamente *négligé*, desvende as informações para que se compreenda como é que ele se tornou cabecilha desta assembleia de criaturas de sonho.

Este *cliché* só se aplica se admitirmos que todos os sonhos, mesmo os dos homens, não são iguais, e tanto podem servir para acolher as versões dos *sex symbols* de Hollywood como as mulheres gigantes que nos habituámos a definir como fellinianas. Unidas sobre o nome *New Burlesque*, Mimi Le Meaux ou Julie Atlas Muz sobem ao palco na posse de um guarda-roupa e um lote de acessórios inesgotáveis, onde encontramos ao mesmo tempo as lembranças do *striptease* que se praticava há meio século na América de Eisenhower como traços da explosão *punk* de Nova Iorque.

Esta tribo é quase exclusivamente feminina (Roky Roulette que adora despir o seu traje de monarca francês ao som de “Louie Louie”, é o único homem da companhia), e Joachim Zand ocupa aqui uma curiosa posição de tirano consorte.

A personagem, que o realizador decidiu incarnar, comporta-se como o produtor que um dia foi, assegurando a organização dos espectáculos, importunando os financiadores, fugindo dos credores, controlando aparentemente a vida das raparigas. Mas só existe através da boa vontade daquelas que tomou como suas protegidas. Elas podem não falar francês e estar um pouco perdidas nesta odisséia terrestre que as leva de Le Havre até Nantes, mas elas sabem muito bem que Joachim precisa mais delas do que elas dele.

*Manager* e artistas têm em comum uma outra dependência, o palco. Sem estas cenas de espectáculos filmados com um público verdadeiro, que ganhou o bilhete cedendo os direitos de imagem por uma noite, *TOURNÉE – EM DIGRESSÃO* seria talvez um filme narcisista e irritante. Mas a veracidade que emerge dessa orgia de artifícios dá ao filme uma substância única.

Os números das raparigas e de Roky Roulette emanam uma magia algo trivial, em desuso (como num parque de diversões) e de uma audácia formal por vezes impressionante. Estão bem idealizados para que, quando Mimi Le Meaux se torna uma personagem de peso no filme, interagindo na vida de Joachim, ela o faça de pleno direito. A sua formidável presença cénica permite-lhe impor-se nas sequências que esboçam o romance com Joachim, mesmo não sendo uma actriz; é evidente que a *mise en scène* de Mathieu Amalric convive muito bem com isso. A destreza documental é sustentada por uma vontade dramática que se impõe sobre as atribulações de Joachim Zand.





Acima de tudo, existe o passado, o formidável contencioso acumulado durante anos com os seus ex-amigos, as suas ex-amantes, a ex-mulher. Ninguém quer o bem de Joachim Zand, excepto as artistas que ele faz subir ao palco todos as noites.

Após algum tempo, o filme encontra um ritmo amplo que empurra a sua personagem principal como uma bola de pingue-pongue, entre o passado e o presente, entre as águas frias do dinheiro e o casulo da trupe.

Tranquilamente, *TOURNÉE – EM DIGRESSÃO* (a sucessão dos espectáculos e o filme) acaba por desaguar numa ilha do Atlântico. É lá que Joachim tem de decidir o seu destino, render-se ou continuar a lutar. Há algumas belas imagens, ora bizarras ora familiares, rodadas num estranho museu repleto de animais embalsamados que se encontra na Ilha d'Aix. Foi lá também, mas o filme não nos conta nada, que Napoleão decidiu abandonar o combate e embarcou no *Bellérophon*, em direcção a Santa Helena.

*Thomas Sotinel, Le Monde, Junho de 2010*





## **- ELENCO -**

Mimi Le Meaux – Miranda Colclausure  
Kitten on the Keys – Suzanne Ramsey  
Dirty Martini – Linda Marraccini  
Julie Atlas Mutz – Julie Ann Muz  
Evie Lovelle – Angela de Lorenzo  
Roky Roulette – Alexander Craven  
Joachim Zand – Mathieu Amalric  
François – Damien Odoul  
Ulysse – Ulysse Klotz  
Baptiste – Simon Roth  
Baltazhar – Josphe Roth  
Rapariga do Posto de Combustível – Aurélia Petit  
Homem de Negócios – Antoine Gouy  
Gerente do Cabaret – André S. Labarthe  
Chapuis – Pierre Grimblat  
Recepcionista – Jean-Toussaint Bernard  
Caixa de supermercado – Anne Benoît  
Mulher no Hospital – Florence Bem Sadoun  
Polícia – Erwan Ribard  
Julie Ferrier – Julie Ferrier

## **- EQUIPA -**

Realização : Mathieu Amalric  
Fotografia : Christophe Beaucarne  
Som: Olivier Mauvezin  
Montagem: Annette Dutertre  
Chefe de Produção : Frédéric Blum  
Argumento : Mathieu Amalric, Phillipe Di Folco, Marcelo Novais Teles, Raphaële Valbrune  
Primeiro Assistente: Elsa Amiel  
Guarda-roupa: Alexia Crisp-Jones  
Cenários: Stéphane Taillason  
Maquilhagem: Delphine Jaffart  
Mistura de Som: Stéphane Thiebaut  
Montagem de Som: Séverin Favriau  
Consultor "New Burlesque": Kitty Hartl

Uma produção Les Films du Poisson – Laetitia Gonzalez e Yaël Fogiel

Em co-produção com Neue Mediopolis Filmproduktion, ARTE France Cinema, WDR/ARTE, Le Pacte e Film(s)  
Com a participação do CNC, FFA, Canal + e CINE CINEMA

**FRANÇA – 2010 – 111 min – 1.85 – DOLBY SRD/DTS – FR/ENG**

